

Transumanismo e o Processo de Individuação: Paralelos e Contrapontos

Transhumanism and the Individuation Process: Parallels and Counterpoints

Camila Marochi Telles, Felipe Ferreira, Guilherme Pinto Nunes, Felipe Figueras Dable

Resumo

O transumanismo é uma corrente filosófica que gira em torno da biotecnociência e que visa a otimização da espécie humana quanto à sua existência material. O aprimoramento do bem-estar por meio do uso da tecnologia é pauta no transumanismo, bem como ideias que em tempos passados seriam tema de ficção científica, como a possibilidade de máquinas integrarem os organismos biológicos, e também a imortalidade. Tais temas são discutidos em contexto bio-científico, levando-se em consideração o funcionamento mecânico do ser humano. No entanto, há a necessidade de se investigar até que ponto é um avanço a busca pelo prolongamento da atividade biológica humana em detrimento de seu desenvolvimento psicossocial. O texto explora a temática do transumanismo e seus objetivos - principalmente a imortalidade - à luz da Psicologia Analítica. Investiga-se as possíveis relações de uma hipotética imortalidade humana exercidas sobre o Processo de Individuação.

Palavras-chave

Processo de individuação, transumanismo, psicologia profunda.

Abstract

Transhumanism is a philosophical current that surrounds biotechnoscience and aims to optimize the human species in terms of its material existence. The improvement of well-being through the use of technology is the agenda in transhumanism, as well as ideas that in the past would be sci-fi subjects, such as the possibility of machines integrating the biological organisms, and also immortality. Such themes are discussed in a bio-scientific context, considering the mechanical functioning of the human being. Nonetheless, there is a need to investigate until which point the search for the extension of the human biological activity remains a progress when the psychosocial development comes to the view. This paper explores the theme of transhumanism and its objectives - mainly immortality - through an Analytical Psychology perspective. It is investigated which relations can be established between a hypothetical human immortality and the Individuation Process.

Keywords

Individuation process, transhumanism, profound psychology.

Camila Marochi Telles

Universidade Positivo

Graduação em Psicologia pela Universidade Positivo.

camimaroichi18@gmail.com

Felipe Ferreira

Instituição

Graduação em Psicologia pela Universidade Positivo.

flpfr1@gmail.com

Guilherme Pinto Nunes

Universidade Positivo

Graduação em Psicologia pela Universidade Positivo.

gui.nunes45@gmail.com

Felipe Figueras Dable

Universidade Positivo

Graduação em Psicologia pela PUC-RS. Mestrado em Música pela UFPR.

felipedable@gmail.com

Introdução

A presente pesquisa tem como objetivo central realizar uma análise do transumanismo a partir da ótica da Psicologia Analítica, salientando especialmente o objetivo transumanista da imortalidade e considerando seu possível impacto no processo de individuação.

A consciência ocidental, unilateral, tende a reprimir e ignorar todo outro lado da moeda com o qual não se identifica, sem antes deixar de projetar neste todos os defeitos do lado que se toma. O processo de individuação, portanto, visa integrar as ambivalências do mundo inconsciente à consciência - mostrar a moeda como um todo, buscando assim uma totalidade do ser (que, em realidade, nunca é atingida por completo, uma vez que o caminho é a finalidade em si). Ranzi (2012, p. 69) se refere à interação entre a consciência e inconsciente como uma “pressão contínua”:

O processo de relação que se inicia nunca se completa, então, assim como não há separação delimitada, também não se pode dizer que os opostos se tornarão apenas uma coisa. Em vários sentidos o contato entre estas forças opostas representa um trabalho sem fim; como o famoso esforço infantil retratado por Agostinho, no qual a criança tenta colocar o mar em um recipiente.

A individuação é um processo que ocorre singularmente, apesar de possuir uma função primordialmente coletiva. Gilbert Simondon (2020, p. 26) defende a importância do aspecto social, sendo este reconhecido como axiomática que soluciona a problemática psíquica:

é a base para a participação numa individuação mais vasta, a do coletivo; sozinho, o ser individual, colocando-se em questão, não pode ir além dos limites da angústia, operação sem ação, emoção permanente que não consegue resolver a afetividade, experiência pela qual o ser individuado explora suas dimensões de um ser sem poder ultrapassá-las.

O ser, inserido na equação social de sua própria problemática psíquica, não pode então, por si só, resolvê-la. O processo de individuação depende das variáveis sociais introduzidas na elaboração do material psíquico, e, portanto, percorre um caminho de entendimento do ser levando em conta sua participação social. O sujeito que se divorcia das questões sociais cai em um abismo derradeiro, pois, em uma postura unilateral, se volta aos prazeres da psique e bebe da fonte do convencimento e da inflação.

Torna-se visível aqui então a perspectiva de que o humano é um ser participante do social, e que este é um aspecto importante para o funcionamento psíquico interno do sujeito. Ou seja, a sociedade exerce sua influência na psique individual, que retorna sua libido à sociedade. Considera-se, porém, que o indivíduo atualmente carece de um território que reafirme sua existência, de modo que o ser humano possa se desenvolver propriamente.

Na contemporaneidade, discute-se constantemente sobre avanços no campo tecnológico e biológico, e quais as possibilidades de manipulação destes no que diz respeito ao desenvolvimento do corpo humano. Buscando superar os limites encontrados na biologia até então, o transumanismo, pensamento que abarca estas explorações humanas pós-modernas, tem, em teoria, a grandiosa tarefa de aperfeiçoar o organismo humano, frequentemente distanciando a construção espiritual do ser humano como parte fundamental da preparação para o desenvolvimento. Logo de início

nota-se o surgimento de uma questão considerável, que envolve uma análise sobre o que é avançar, evoluir, e se desenvolver. Para Jung (1978, p. 50) o curso de desenvolvimento psicológico se dá à medida que o indivíduo desabrocha suas qualidades individuais, num processo em que uma pessoa “se torna o ser único que de fato é”. Esta discussão acerca de o que é evolução é importante para que se perceba diferentes conceitos de progresso.

Avanços que envolvem o ser humano nem sempre são discutidos e levados em consideração a uma análise social. Reflexo disto são as grandes discrepâncias sociais que encontramos ao longo da história do ser humano, quando, em um sistema de meritocracia ou hierarquia, duas ou mais camadas sociais resultam de um processo de distribuição de haveres impreciso, que acaba ocasionando uma incompatibilidade à priori entre os seres. Além disso, um ponto a se considerar é a alteração psíquica da sociedade frente às novas tecnologias, quando se trata de uma sociedade que busca sempre por poder e controle tanto de sua natureza interna quanto externa. Bragarnich (2020, p. 62) coloca: “Se por um lado a tecnologia atende à evidente fragilidade física e à dependência vital para a sobrevivência na realidade humana empírica, cultural e social, por outro lado ela impõe uma supremacia da consciência humana sobre a natureza”. A razão, portanto, em nosso tempo, toma conta do mundo, e isso vem atrelado a consequências severas relacionadas ao funcionamento social e individual da civilização.

Para a realização do texto, foi feita uma revisão de literatura, em que se analisou os dados obtidos a partir do método de processamento simbólico arquetípico, um método de análise de dados qualitativos dentro da Psicologia Analítica que visa mais uma abordagem relacional com o texto do que explicativa. Sendo assim, a busca pelo conhecimento se estende do contexto analítico terapêutico, formando um vínculo investigativo entre o objeto de pesquisa e seu pesquisador (PENNA, 2014; 2009; 2007).

Discussão

Atualmente, na cultura ocidental, já se tornou comum a busca por aprimoramentos na qualidade de vida. A cada dia surgem novas possibilidades para consumo, que prometem uma vida melhor e mais longa, seja a partir de produtos materiais ou de estilos de vida. Os avanços científicos e tecnológicos na produção de inovações que visam a maior funcionalidade, produtividade e perfeição no cotidiano do ser humano, são os principais exemplos disso. Existe um mercado ascendente de produtos de melhoria de vida, e a constante expansão das indústrias de tecnologia de ponta. De acordo com Renouard e Perragin em uma revisão direcionada para identificação dos fatores econômicos que acompanham o desenvolvimento do mercado financeiro e de capitais,

alongar a duração da vida e ampliar as capacidades mentais ou corporais representa um mercado promissor, que poderá ultrapassar US\$ 1 bilhão antes de 2020. É também uma boa publicidade, que coloca a indústria 4.0 no centro do futuro humano (RENOUARD; PERRAGIN, 2018, não paginado).

A ascensão do mercado reflete nos comportamentos do consumidor, que incontestavelmente busca avanços que alterem fatores congênitos da sua natureza. Neste viés, destaca-se uma vertente filosófica da biotecnociência conhecida por transumanismo. Segundo Vilaça e Palma (2012), os transumanistas buscam superar os limites do ser humano por meio da biotecnociência, minimizando o sofrimento e atingindo assim

melhores condições de vida. Dentro dessa corrente, encontra-se a busca por uma dimensão pós-humana capaz de alcançar a imortalidade.

Um conjunto de questionamentos destas noções é sustentado pela hipótese de que o ser humano, pertencente e atuante de seu próprio processo de individuação, nortear-se-á para uma dimensão na qual o sistema egóico encontra-se em um estado de *hybris*, ou seja, de ascensão, de identificação com Deus, que aqui também pode ser considerado como o Si-mesmo; instância psíquica que representa o centro organizador da psique. Este modelo de individuação, que dá acesso ao ego identificar-se com o Si-mesmo, ora apresenta tensão entre estes dois díspares, e ora conjunção. Esta dualidade é encontrada abundantemente nos escritos de Edinger (2012), expondo que dentro do movimento perigoso de conexão entre ego e Si-mesmo é realmente exigido um ato inflado por parte do ego, para que este possa adquirir um outro nível de consciência, mas que tal encontro pode também ser catastrófico. O dualismo, pertencente aos símbolos encontrados nesta análise sobre o descobrimento da possibilidade da identificação do ego com Deus, caracteriza uma investigação significativa sobre o momento de inclinação ao exagero do ser humano.

Ranzi (2012, p. 14) fala de uma medida necessária no que tange à tendência ocidental de movimento rumo ao crescimento infinito, ou pelo menos à “propensão da sociedade ocidental de orientação cristã em não acreditar em limites e sua conseqüente propensão ao exagero”. Tais conceitos – medida e exagero – relacionam-se à ideia de risco, no sentido de que há de se haver uma medida para as ações voltadas ao crescimento industrial da humanidade, para que não haja um exagero e que, por sua vez, se torne um risco à sobrevivência humana de alguma forma (ou de várias formas). O exagero é uma atitude proveniente da falta de ponderação e de uma “postura unilateral e instável da psique” (RANZI, 2012, p. 14), que leva ao risco. Este se classifica como conseqüência de uma desmedida sucessão de excessos. Considerando o processo de individuação como dependente de uma medida; de um movimento dialético, afirma-se como imprescindível a discussão acerca do possível exagero que vem sido cometido pelo ocidente a fim de se transpor os limites impostos pela natureza. Isso porque o exagero se dá pela falta de ponderação, e a resistência imposta em se perceber uma medida é diretamente proporcional ao sofrimento que se mostra posteriormente por conta disso (RANZI, 2012). A este sofrimento, Zoja (2000, p. 48) refere-se como sendo uma *nêmesis* - isto é, a noção grega de de “justiça divina”; “ira predominantemente justa”, ou seja, um limite patológico imposto naturalmente para conter ou punir a inflação (*hybris*) humana. Sendo o conceito de medida então equivalente a uma “dinâmica entre opostos” (RANZI, 2012, p. 14), como o movimento que se dá no processo de individuação, caracteriza-se esta como uma importante premissa ao entendimento de que a metáfora do processo de individuação pode se fazer presente em uma análise social acerca do crescimento tecnológico exagerado.

A tentativa de se evitar a morte pelo transumanismo frente à existência iminente da morte e sua necessária aceitação

No transumanismo, a superação da natureza e o aprimoramento ilimitado são vinculados diretamente à promoção da saúde e ao bem-estar da humanidade (VILAÇA; PALMA, 2012). Nesse aspecto, o viés Iluminista da vertente torna-se evidente (RODRIGUES, 2019). Assim, percebe-se o ser humano buscando a perfeição por meio da extinção de condições que lhe são inatas. Será essa a única maneira de alcançar uma totalidade? A busca pela totalidade como encontrado em Jung consiste na jornada de individuação.

Alguns dos objetivos propostos pelo transumanismo, que considera a possibilidade da ampliação do tempo de vida com o seu prolongamento até a imortalidade, ocasionariam em uma distorção dos valores humanistas. Esta reflexão é indicada em Marques e Kruger (2019), que informam sobre a incapacidade de se antecipar os comportamentos humanos frente a certos possíveis desenvolvimentos tecnológicos. Jung ainda apresenta a ideia da totalidade paradoxal, análoga à interpretação da inaptidão do ser humano de identificar suas fronteiras conscientes. De acordo com Jung, “a grande dificuldade da segunda etapa [da *coniunctio* superior, ou seja, da integração de seus aspectos conscientes e inconscientes] consiste no fato de não se saber como se poderá realizar um dia a imagem paradoxal da totalidade do homem” (JUNG, 2012a, p. 286). Assim sendo, a disposição do ser para o mistério da união dos opostos é importantemente considerada por Jung. O mistério em si possui um papel fundamental na psicologia, e isto constitui um importante contraponto entre a teoria transumanista e a junguiana, uma vez que a primeira visa uma resolução dos mistérios do ser, enquanto a segunda preza pelo valor inconsciente da experiência misteriosa.

Para a Psicologia Analítica, a única forma de o indivíduo direcionar-se para a totalidade é integrando as realidades que lhe são apresentadas, sem excluí-las ou reprimi-las, mas relacionando-se com elas (JUNG, 1997). Tal relação dialética entre o indivíduo e a totalidade carrega o nome de processo de individuação. “A individuação (...) significa precisamente a realização melhor e mais completa das qualidades coletivas do ser humano.” (JUNG, 1978, p. 49). Ou seja, o processo de desenvolvimento da personalidade do indivíduo relaciona-se diretamente com a integração consciente de questões compartilhadas pelo coletivo - entre elas a angústia existencial frente à finitude da vida humana - e não com a supressão delas.

É possível perceber uma relevante contradição entre os ideais transumanistas e os preceitos da Psicologia Analítica. Talvez o transumanismo exerça no coletivo humano um impacto contrário ao processo de individuação. Portanto, há de se reconhecer que a ascensão de algumas premissas presentes no transumanismo podem também representar o aparecimento de um anti-humanismo.

Segundo Pimenta (2017), o transumanismo possui, em todas as suas vertentes, o objetivo de prolongar a vida humana para além de seu limite natural. No entanto, há de se levar em consideração que a existência e, mais além, a iminência da morte é uma importante condição para que exista a vida. Afirma-se que o “processo dialético da vida/morte é negado por quem busca uma expansão exagerada da vida” (PIMENTA, 2017, p. 99), apontando o fato de que o ser humano não possui um motivo evidente para que prolongue seu tempo de vida em quantidade suficiente a ponto de se falar sobre a imortalidade, além de simplesmente o próprio ímpeto egóico. Aceitar o destino da morte é um passo à frente no caminho da individuação, uma vez que a morte, em nossa sociedade, é parte da sombra da existência humana sendo, via de regra, evitada e negada o máximo possível ao longo da história.

Aqui reflete-se, então, acerca da necessidade humana de aceitar sua natureza integralmente, o que significa também aceitar suas limitações e aspectos que, mesmo considerados negativos quando é imposto juízo de valor, são ainda assim intrínsecos à vida. Cabe também o pensamento acerca dos desenrolares de um possível processo de extinção da morte. São pertinentes aqui os questionamentos trazidos por Pimenta (2017, p. 99): “por que uma vida sem fim seria algo bom, se não possuímos mais a capacidade de perdê-la? Como seria a consciência de um homem ou de uma mulher que não tivesse mais medo da morte?”.

Todd May afirma que “a morte que nos assombra é a mesma que permite que nossas vidas tenham significado!” (MAY, 2009, p. 78), e mais:

1
Tradução nossa.

2
Tradução nossa.

3
Tradução nossa.

4
Tradução nossa.

5
Tradução nossa.

para o ser humano, uma vida imortal seria disforme. Seria sem barreiras e sem contorno. Sua cor desapareceria, e nós poderíamos prever tal desaparecimento desde o início. Em uma vida imortal, seria impossível distinguir entre a minha vida e a sua vida. Porque o processo se arrastaria eternamente e, mais cedo ou mais tarde, seria apenas uma cadeia de eventos sem formato algum. Seria impossível de se distinguir figura e fundo² (MAY, 2009, p. 68).

A mortalidade é o que nos faz refletir sobre a vida. A percepção acerca da mortalidade promove o ímpeto em direção à resolução de questões existenciais e o brilho das experiências vividas só é possível, em parte, por sabermos que talvez não as vivamos novamente (MAY, 2009). Em consonância, Jung (2013b, p. 53), afirma a morte como “um acontecimento anímico tão importante como o nascimento”, sendo este igualmente “parte integrante da vida”.

A questão da imortalidade humana, portanto, possui diversas implicações no que diz respeito à forma de vida que teríamos que adotar. Perderia-se boa parte do aprendizado que temos em vida e a própria alma possivelmente se dissolveria no processo. “Vivemos a vida sempre na possibilidade de morreremos. O que fazemos, como fazemos e as atitudes que tomamos acontecem com a perspectiva da morte como pano de fundo³” (MAY, 2009, p. 11). Em termos de saúde mental, Jung (2013c, p. 358) refere-se à consciência da morte como algo valoroso e benéfico: “como médico, estou convencido de que é mais higiênico (...) olhar a morte como uma meta para a qual devemos sempre tender, e que voltar-se contra ela é algo de anormal e doentio que priva a segunda metade da vida de seu objetivo e seu sentido”.

Sendo assim, se “nós, humanos, somos criaturas caracterizadas, primeira e mais importantemente, pelo fato de que morremos⁴” (MAY, 2009, p. 8), então toda a existência humana tal qual a conhecemos há de se alterar frente a um cenário em que a morte é anulada. Pode se dizer então que a consciência da morte é o que estrutura a forma como seguimos nossas vidas, e que a busca pela imortalidade é uma negação da morte. Esta, por sua vez, aparece com o enfraquecimento da religião e a literalização das coisas. A esperança que havia na vida após a morte (o mistério da fé, tão importante ao desenvolvimento humano) se transfere à imortalidade - um desejo pela certeza; pelo palpável (JUNG, 2012d, p. 177). Segundo Jung (2013c, p. 357), as grandes religiões que prometem a vida eterna possuem “um objetivo supramundano que permite ao homem mortal viver a segunda metade da vida com o mesmo empenho com que viveu a primeira”. A atitude que visa a imortalidade pode então ser percebida como um desdobramento da atitude religiosa, porém mais imediatista, no sentido de que não mais se aguarda a morte para a posterior imortalidade (e nem mesmo se acredita em vida após a morte), desta forma sendo eliminada a possibilidade de reflexão que vem com o pensamento acerca da finitude da vida.

May (2009, p. 42) afirma também que “ser humano é ser consciente da própria morte⁵”. Portanto, a imortalidade nos tornaria algo não-humano e com capacidade cognitiva reduzida, principalmente por uma questão de falta de motivação e planejamento para com nossos projetos de vida e relacionamentos, além da desnecessidade de se fazer escolhas, uma vez que haveria tempo para que qualquer projeto fosse realizado, apesar do problema iminente da falta de motivação, já que o tempo excessivo apagaria a importância das coisas (MAY, 2009). O tédio seria devastador. May (2009, p. 62) reflete: “até mesmo a mais profunda das paixões é passível de se apagar com o passar do tempo. O que não foi corroído pelas décadas provavelmente será corroído pelos séculos ou milênios⁶”.

6

Tradução nossa.

Os contrastes entre materialismo e racionalismo em oposição ao espiritualismo e às funções erótico-relacionais

Eros, para os gregos, é o princípio unificador; a vontade de relação, os sentidos se relacionando cruamente com o mundo (BARCELLOS, 2019). Eros não enxerga unilateralmente, mas se relaciona com o outro. Efetivamente se relacionando com o mundo é que se pode vê-lo de forma a se perceber as projeções pessoais acerca deste. A partir de tal relação, se busca quebrar preconceitos e evitar julgamentos; se busca viver sendo guiado pelos sentidos, e não pela razão. Afinal de contas, “a alma não se nutre de explicações, mas de narrativas” (ZOJA, 2000, p. 156).

Um ponto de discussão aqui então se mostra acerca da contraposição entre o pensamento cartesiano, racional e material do transumanismo e a atitude erótico-relacional do humanismo. O transumanismo busca a “superação dos limites biológicos humanos com um emprego escrupuloso da razão, da ciência, da lógica e do pensamento crítico” (MORE *apud* VILAÇA; PALMA, 2012, não paginado), enquanto que, de acordo com o pensamento humanista, não se pode deixar de lado o âmbito sócio-espiritual do indivíduo quando se busca seu aprimoramento. O uso excessivo da razão e da ciência para expressar temas humanos constitui uma tentativa de se simplificar o próprio motivo humano.

Aqui Jung contextualiza o embate entre eros e logos com base na história:

[o cristianismo] precisou racionalizar, cada vez mais, sua doutrina, para poder opor um dique à maré do irracional. Formou-se então, ao longo dos séculos, aquela união entre a mensagem irracional e originária de Cristo e a razão humana, que caracteriza o pensamento ocidental. Entretanto, à medida que a razão foi prevalecendo, o intelecto se impôs e exigiu uma autonomia. Mas o intelecto apoderou-se também da natureza, tal como fizera com a psique, gerando assim uma época técnico-científica que oferecia cada vez menos espaço para o homem natural e irracional. Mas com isso também se colocaram as bases de uma oposição interior que hoje ameaça o mundo com o caos. Devido a esta inversão, o inferno se esconde hoje por trás da razão e do intelecto, isto é, por detrás de uma ideologia racionalista que tenta se impor, a ferro e fogo, como se fosse uma fé obstinada, rivalizando com os aspectos mais obscuros de uma *ecclesia militans* [Igreja Militante] (JUNG, 2012b, p. 112).

Portanto, observa-se que Jung percebe a demasiada atitude técnico-científica do ser humano como uma tentativa problemática para a solução de seus empecilhos históricos. Isto se explica pelo fato de que o excesso de racionalização possivelmente gera o mesmo efeito prático de uma espécie de fanatismo; uma postura unilateral na qual se acredita somente em uma forma de pensamento e se nega todas as outras. A própria Psicologia Analítica, em contraponto ao positivismo, entende como necessária a adoção de uma atitude psíquica e uma visão de mundo na qual se considere enfaticamente as emoções (RANZI, 2012, p. 77).

Zoja, também em um resgate histórico, fala de um “denominador comum mítico” presente nas ciências antigas, que agregavam o conhecimento mítico ao científico, nutrindo a psique de um sentido que ia além da razão explicativa por si só:

a astrologia tornou-se astronomia e a alquimia, química. O conhecimento delas se acelerou mas, juntamente com o mito, o saber tornou inconsciente o aglutinante psicológico. A astrologia era um aglomerado de astronomia ingênua com psicologia; a alquimia, de química ingênua com psicologia. Expulsando o homem real - aquele que não é só bioquímico -, as ciências individuais progredem vertiginosamente como saber específico, mas a

soma dos conhecimentos que delas deriva pode revelar-se frágil porque foi perdido o critério unificador [Eros], o código humanista completo (ZOJA, 2000, p. 157).

A Psicologia Analítica nos mostra que a sociedade sofre forte impacto das forças inconscientes quando se afasta de sua qualidade instintiva, já que o inconsciente atua de forma inteligente rumo à individuação mesmo quando é posto em antagonismo à consciência, “como se estivesse tentando recuperar o reequilíbrio perdido” (JUNG, 2014b, p. 281). Mesmo assim o aspecto racional e lógico em nossa sociedade parece estar em uma busca por validação de si mesmo sem a possibilidade de se saciar, necessitando descobrir sempre uma maneira de ir mais longe.

O Ocidente, de acordo com Ranzi (2012), é otimista em relação ao futuro, uma vez que considera possível, a partir do uso da razão e da ciência, a eliminação de qualquer risco causado pelos exageros cometidos por ele mesmo. Com isso, o autor afirma que o Ocidente pretende uma alteração na ideia de risco, já que considera qualquer limite como possível de ser ultrapassado por meio da ciência; esta tida como ferramenta de dominação da natureza. “Para os otimistas, existe a premissa de que alguma solução sempre se alcançará.” (RANZI, 2012, p. 21) E, sem uma resposta satisfatória, o autor indaga:

Esse otimismo, como já expresseo, ainda é marcante no século XXI. Faz-se pertinente perguntar: qual é a justificativa para tal crença no otimismo? Por que o ser humano seria capaz de encontrar soluções para as crises econômicas, ambientais e científicas que se apresentam? (RANZI, 2012, p. 24).

O positivismo ocidental é, na verdade, reflexo de sua hybris - o pecado grego da identificação com o superior. Uma vez que a humanidade se vê capaz de sanar todo problema imposto por ela mesma, ela se torna confiante para continuar explorando os recursos além dos limites já impostos (RANZI, 2012). Não há um limite imposto para a noção de onipotência humana, que se tornou ainda mais emergente com as tecnologias recentes. “A tecnologia trouxe ao homem a ilusão de que ele é superior à natureza e que ele pode fazer o que quer”, afirma Gaeta e Vergueiro (2020, p. 19) referindo-se à dificuldade que a humanidade pós-moderna possui em reconhecer seus limites.

É possível entendermos que, uma vez que a busca pela vida eterna e o domínio da natureza representam uma identificação do ser humano com Deus, também representa, refletindo internamente e em termos psíquicos, uma identificação do ego com o Si-mesmo. Voltar-se para o Si-mesmo se trata de uma atitude espiritual, uma vez que o Si-mesmo é a totalidade psíquica - nosso Deus interno. No entanto, há de se ter cautela uma vez que voltar-se para o Si-mesmo e identificar-se com o Si-mesmo são atitudes diferentes. Por isso, quando se trata da atitude religiosa saudável, fala-se na primeira opção. A identificação constante do ego com o Si-mesmo, em termos da Psicologia Analítica individual, se reflete na identificação do humano com Deus, em uma análise social. Esta veneração excessiva da razão, que deságua no pensamento otimista do ocidente, constitui um perigo para a psique, uma vez que, “para a concepção da Psicologia Analítica, a razão possui limites e não respeitá-los incorre no risco de adoecimento” (RANZI, 2012, p. 18).

Jung, sobre a vontade de domínio da natureza por parte do humano e o consequente abandono das demais atitudes relacionais que não as da razão lógica, afirma:

Quanto mais o homem conseguiu dominar a natureza, mais lhe subiu à cabeça o orgulho de seu saber e poder, e mais profundo o seu desprezo por tudo que é apenas natural e casual, isto é, pelos dados irracionais, inclusive a própria psique objetiva que não é a consciência (JUNG, 2013a, p. 54).

No entanto, pode-se também afirmar que a busca pela imortalidade não faz parte somente de um tema atual, como também atemporal; arquetípico. Em Jung encontra-se a ideia de que a imortalidade tem sua base psicológica no fator histórico, contido no inconsciente coletivo. A própria teoria acerca da conservação de energia é um desdobramento do tema arquetípico da imortalidade. Uma imagem primordial que, em uma forma mais antiga, mostra a energia enquanto alma, e sua conservação como a imortalidade (JUNG, 2014a).

7

Tradução nossa.

Na medida em que nenhum ser humano nasce como uma invenção totalmente nova, mas repete sempre o último degrau de desenvolvimento atingido, contém inconscientemente como um dado apriorístico toda a estrutura psíquica desenvolvida pouco a pouco em um sentido ascendente ou descendente através de sua ancestralidade. (...) Enquanto pensamos em períodos de anos, o inconsciente pensa e vive em períodos de milênios. Assim, se algo acontece que consideramos uma inovação sem precedentes, trata-se em geral de uma história bem antiga (...). Vivemos ainda em um maravilhoso mundo novo, em que o ser humano considera espantosamente novo e "moderno". Tal estado é prova inequívoca da juventude da consciência humana, que ignora seus antecedentes históricos (JUNG, 2014b, p. 279).

Porém, também aqui atenta-se à possibilidade de que talvez tal busca pelo domínio da natureza atualmente se mostre mais confiante e enfática, em comparação com outros momentos da história. Um exemplo disso é a necessidade da produção de um texto como o presente, apontando possíveis (e prováveis) consequências da instauração de uma sociedade pós-humana dadas as configurações psicossociais atuais.

Jung (2015, p. 82) também aponta que a vivência anterior dos povos mais antigos, bem como seus processos fisiológicos e psicológicos, "continuam dando-nos o sentimento íntimo e profundo da continuidade 'eterna' do que é vivo".

A psique que preexiste à consciência (por exemplo, no caso da criança) participa, por um lado, da psique materna e, por outro, chega até a psique de filha. Por isso poderíamos dizer que toda mãe contém em si sua filha e que toda filha contém em si sua mãe. Toda mulher se alarga na mãe, para trás e na filha, para frente. Desta participação e mistura resulta aquela insegurança no que diz respeito ao tempo: como mãe, vive-se antes; como filha, depois. Da vivência consciente desses laços resulta um sentimento da extensão da vida, através de gerações: um primeiro passo em direção à experiência e convicção imediatas de estar fora do tempo dá-nos o sentido de imortalidade. A vida individual é elevada ao tipo, isto é, ao arquétipo do destino feminino em geral. Ocorre assim uma apocatástase das vidas dos antepassados que, mediante a ponte do ser humano contemporâneo individual, prolongam-se nas gerações futuras (JUNG, 2014b, p. 190).

Assim demonstra-se, em parte, não somente a atuação da projeção inconsciente ao tema da imortalidade, como também a imortalidade simbólica que já é vivenciada pela sociedade enquanto coletivo. Uma atitude psíquica menos literal e mais simbólica seria de bom uso à humanidade que pretende a todo custo, por meio do uso exagerado do materialismo e por conta de um otimismo excessivo, realizar uma passagem ao ato.

A necessidade de haver um desenvolvimento psicossocial que acompanhe as promessas biotecnológicas de forma coletiva

O que será abordado a seguir parte da elaboração acerca do patamar em que a sociedade se encontra, quando comparado o aspecto psicossocial ao aspecto técnico-científico, partindo da hipótese de que o primeiro, quando inserido na equação social, carece de suporte e sincronia para com o segundo. Jung defende:

a pessoa humana não é uma máquina no sentido de poder ter um rendimento de trabalho constante, mas ela só pode corresponder de forma ideal à necessidade externa se também estiver ajustada a seu próprio mundo interno, isto é, se estiver em harmonia consigo mesma. E, inversamente, ela só pode ajustar-se a seu próprio mundo interno e alcançar a harmonia consigo mesma se também estiver adaptada às condições do ambiente. O descuidar de uma ou outra dessas funções só pode ocorrer temporariamente, como mostra a experiência: se só se realiza uma adaptação unilateral ao mundo exterior, por exemplo, deixando de lado o mundo interior, pouco a pouco um aumento do valor das condições internas vai se tornando perceptível, através de uma irrupção de elementos pessoais na adaptação externa (JUNG, 2013d, p. 71).

Sendo assim, para a harmonia e o bem-estar social, há a necessidade de o desenvolvimento psicológico caminhar juntamente ao desenvolvimento biológico humano, e não se pode deixar que um seja esquecido pela camada social enquanto o outro sai em disparada. Ainda segundo Jung (2018, p. 468), “só a sociedade que consegue preservar sua coesão interna e seus valores coletivos, num máximo de liberdade do indivíduo, tem direito à vitalidade duradoura”. Isto é, para se prosperar enquanto sociedade e indivíduo, há primeiro que se atentar ao que Jung (2013d, p. 71) chama de “coesão interna”, referindo-se à concordância de valores sociais e individuais, que se busca durante a individuação, uma vez que esta é, simultaneamente, um aflorar não apenas individual como também social; um despertar para dentro e para fora.

May também torna clara a necessidade do caminhar simultâneo entre as diferentes áreas de desenvolvimento humano quando escreve: “se tivermos que imaginar a imortalidade (...), esta deve pelo menos ser uma que nos mantenha fisicamente vigorosos, mas que também nos deixe espaço para desenvolvimento intelectual e emocional” (MAY, 2009, p. 55).

Um possível empecilho para um desenvolvimento próximo do ideal no Ocidente é sua organização econômica. Marques e Kruger (2019, não paginado) destacam: “trata-se (...) do modo como socialmente se lida com os avanços tecnológicos, que acabam sendo dominados por uma estrutura econômica que visa a criação e inovação de produtos para o consumo e geração de capital”. Daqui é possível extrairmos a possibilidade de que se o desenvolvimento biotecnológico avançar além do ponto em que o ser humano pode controlar sua própria interação com o avanço, então o transumanismo será meramente um artifício do sistema econômico capitalista. Dessa forma, não se vê possibilidade deste trabalhar a favor da sociedade de forma responsável, “pois ainda que a tecnologia atenda plenamente às necessidades essenciais ou que vá muito além delas, como a criação de necessidades de um mercado apoiado no consumo de larga escala, ela está em franca oposição à alma individual e coletiva” (BRAGARNICH, 2020, p. 63).

Fazendo uma reflexão acerca do sistema capitalista em relação com o crescimento científico, também Ranzi afirma:

8

Tradução nossa.

Existe um risco em se aproximar qualquer ciência dos interesses capitalistas, pois não podem coexistir os interesses de produzir um conhecimento fraterno e não dominador com a segregação em classes e o intento infinito de acumular dinheiro o mais rápido possível das doutrinas assumidas pela economia de mercado (RANZI, 2012, p. 53).

O autor, sobre a teoria liberalista da mão invisível, discute que há impossibilidade em se prever o controle do comércio, uma vez que este, em teoria, se autorregula. Pelo mesmo motivo, então, também não se pode controlá-lo (RANZI, 2012, p. 77). Neste sentido, percebe-se que não há um ponto ótimo ao crescimento da sociedade ocidental capitalista. O limite, ou seja, o momento no qual se tornam alarmantes as explorações realizadas no novo iluminismo, não existe e não importa, pois, a sociedade segue a todo vapor perdida em sua hybris, gozando do poder divino e sem previsão de desacelerar. No entanto, como já foi evidenciado em diversas situações bélicas, a título de exemplo muito pertinente, sérias consequências podem ser geradas a partir do desrespeito para com os limites da razão.

Assim sendo, ressalta-se a importância do levantamento acerca de uma questão relativa ao desenvolvimento social da humanidade. A proporção do avanço e da valorização dos aspectos psico-sócio-espirituais deve equiparar-se à atenção que se dá ao desenvolvimento material/biológico humano, para que o ideal transumanista não acabe por impactar negativamente o processo de individuação.

Novamente em Marques e Kruger, é apresentado o problema da incerteza sobre o possível desencadeamento social proveniente dos avanços biológicos no transumanismo. Esta preocupação se fundamenta “tendo em vista que não há como Deus prever o comportamento humano diante de avanços tecnológicos que permitiriam ao próprio humano ser o seu próprio deus” (MARQUES; KRUGER, 2019, não paginado). Jung traz o conceito de Simmesmo como o arquétipo da totalidade, nosso próprio deus interno - “o fator psicológico que, dentro do homem, possui um poder supremo, age como ‘Deus’, porque é sempre ao valor psíquico avassalador que se dá o nome de Deus” (JUNG, 2012c, p. 102). É a este domínio psíquico que se busca descobrir quando se trilha o caminho da individuação.

No entanto, algo ocorre quando o ser humano passa a se transformar em seu próprio deus: o divino deixa de ser encontrado na natureza e cede seu lugar à tecnociência; ao material e palpável. A espiritualidade possui o importante papel de nos ajudar a “dominar o medo da morte⁸” (MAY, 2009, p. 19), mas suas maneiras estão sendo substituídas. Não havendo tal atitude espiritual voltada para o meio exterior, dificulta-se também a possibilidade de haver um correspondente interior mais próximo da consciência (apesar de sempre haver um, inconscientemente), obstruindo assim o caminho da individuação. Eis a importância da religião enquanto símbolo e do pensamento não-lógico na evolução do indivíduo. A atitude espiritual, apesar de ser muitas vezes reprimida, existe e é necessária à individuação. Assim aponta Jung (2013a, p. 24):

Contento-me apenas em salientar que uma função natural e sempre presente como a função religiosa não desaparece com a crítica racionalista e iluminista. (...) A religião, no sentido de consideração consciente dos fatores irracionais da alma e do destino individual, ressurgue sempre de novo (...).

A fluidez de informações e o materialismo exacerbado acabam por desvalorizar as experiências humanas no âmbito espiritual, de forma que a alma se vê faminta e enfraquece suas raízes (VERGUEIRO, 2020). Porém, percebe-se que o que ocorre atualmente não é totalmente uma perda da

função religiosa por conta da sociedade ocidental, já que a espiritualidade continua existindo inconscientemente; na sombra do Ocidente. O que existe é uma supervalorização da função racional materialista em detrimento da função religiosa, que é negada e esquecida pela sociedade.

Considerações Finais

Sendo o processo de individuação considerado como um movimento para a totalidade e a integração de aspectos limitantes e sombrios da natureza humana, então o movimento de busca pelo prolongamento da vida, realizado pelo transumanismo, vai em direção contrária à individuação, ou seja, ao desenvolvimento psico-sócio-emocional do sujeito. A busca pela perfeição, extinguindo aspectos humanos, portanto, seria apenas mais um pensamento egóico unilateral e rígido capaz de distanciar o sujeito da totalidade e aproximá-lo do fanatismo e do excesso de racionalismo que o cega para quaisquer outras realidades psíquicas. Com isso, é possível concluir sob a ótica da Psicologia Analítica, que a busca dos transumanistas pela imortalidade humana de forma excessivamente racional não só trabalha contrariamente ao processo de individuação, como também pode facilitar um posicionamento psíquico perigoso devido sua rigidez.

Portanto, ainda seguindo a metáfora da individuação para análise do social, afirma-se que com a devida tomada de atitude simbólica e o reconhecimento de um universo ambivalente, é possível que o Ocidente perceba o mundo a partir de uma diferente ótica relacional, de forma a tentar compreendê-lo em vez de tentar dominá-lo. Uma convivência humana harmoniosa requer que se enxergue, assim como afirma Vergueiro (2020, p. 46): "espírito e matéria, ciência e fé consciência e inconsciente, como dois lados de uma só unidade". Para que esta ótica relacional possa se tornar aplicável à prática, ou seja, dentro da sociedade, vem a ser necessária a produção de conteúdo que forneça informações mais profundas acerca dos fatores levam o ser humano à sua cega busca pela imortalidade, o que acaba por resultar em seus excessos.

Sendo assim, as questões aqui postas não visam rejeitar os possíveis avanços biotecnológicos da humanidade, mas sim defender a necessidade de um preparo psicossocial adequado para a implementação de tais avanços feita de maneira responsável. Logo, tais questões defendem uma exploração do futuro que não se dê de maneira rasa e tendenciosa, mas sim analítica e simbólica, oportunizando o estudo sobre a vida, a morte, os avanços e retornos do ser em sociedade. Sugere-se então que para estes estudos, métodos de ampliação dos símbolos e análises da conjuntura social a partir do contraste entre o Ocidente e o Oriente sejam considerados, por conta da viabilidade de paralelos e confrontos entre este par, possibilitando assim uma visão mais ampla sobre o que é entendido a partir de termos como "ser", "eu" e "nós".

Ademais, para trabalhos futuros e aprofundamento do tema, sugere-se a discussão acerca da bioética da pós-humanização como ferramenta ampliadora de desigualdade social e o entendimento da moral frente ao surgimento de uma nova camada de humanos. Sugere-se também um estudo mais aprofundado sobre o simbolismo da imortalidade ao longo da história humana, pois apesar de aqui terem sido abordados principalmente seus pontos prejudiciais, é certamente um aspecto arquetípico humano e pode se tornar uma discussão de desdobramentos interessantes.

Sobre o artigo

Recebido: 17/05/2021

Aceito: 25/06/2021

Referências bibliográficas

- BARCELLOS, G. **Mitologias arquetípicas**: figurações divinas e configurações humanas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.
- BRAGARNICH, R. Tecnologia & alma: por uma metáfora alquímica. In: GAETA, I., VERGUEIRO, P. (org.) **Tecnologia & alma**. São Paulo: Sattva, 2020.
- EDINGER, E. F. **Ego e Arquétipo**. 4ª ed. São Paulo, SP: Cultrix, 2012.
- GAETA, I., VERGUEIRO, P. (org.) **Tecnologia & alma**. São Paulo: Sattva, 2020.
- JUNG, C. G. **O eu e o inconsciente**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1978.
- JUNG, C. G. **A vida simbólica**. Vol. 1. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- JUNG, C. G. **Mysterium Coniunctionis**: vol. 2. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012a.
- JUNG, C. G. **O símbolo da transformação na missa**. 7ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012b.
- JUNG, C. G. **Psicologia e religião**. 11ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012c.
- JUNG, C. G. **A vida simbólica**. Vol. 2. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012d.
- JUNG, C. G. **Presente e futuro**. 8ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013a.
- JUNG, C. G. **Estudos alquímicos**. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013b.
- JUNG, C. G. **A natureza da psique**. 10ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013c.
- JUNG, C. G. **A energia psíquica**. 14ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013d.
- JUNG, C. G. **Psicologia do inconsciente**. 24ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014a.
- JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 11ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014b.
- JUNG, C. G. **O eu e o inconsciente**. 27ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- JUNG, C. G. **Tipos psicológicos**. 7ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.
- MARQUES, E. M., KRUGER, L.C. Vida artificial: a mobilidade do conceito de transumanismo e pós-humanismo. **Revista Internacional de Filosofia Voluntás**, v. 10, n. 1. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/voluntas/article/view/36453/html>
- MAY, T. **Death**. Stocksfield, UK: Acumen Publishing Limited, 2009.
- PENNA, E. M. D. **Processamento simbólico-arquetípico**: pesquisa em psicologia analítica. São Paulo, SP: Educ, 2014.
- PENNA, E. M. D. **Processamento simbólico-arquetípico**: uma proposta de método de pesquisa em psicologia analítica. 208 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Núcleo de Estudos Junguianos, Puc, São Paulo, 2009.
- PENNA, E. M. D. Pesquisa em psicologia analítica: reflexões sobre o inconsciente do pesquisador. **Boletim de Psicologia**, São Paulo, v. 57, n. 127, p. 127-138, dez. 2007.
- PIMENTA, F. C. Problemas e possibilidades do transumanismo. In: BIASOLI, L. F.; CALGARO, C. **Fronteiras da Bioética**. Caxias do Sul, RS: Educs. p. 91. 2017.

RANZI, C. F. **A medida do exagero e o apocalipse cristão**: uma breve digressão sobre a gênese do risco na sociedade ocidental. 125 f. Dissertação (Mestrado em Meio Ambiente e Desenvolvimento) - Setor de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

RENOUARD, G., PERRAGIN, C. O mito do transumanismo. **Revista Online Le Monde Diplomatique Brasil**. 133 ed. 2018. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/o-mito-do-transumanismo/>

RODRIGUES, V. C. Walter Benjamin, teórico do transumanismo? **Sapere Aude**. Belo Horizonte, v. 10, n. 20, p. 634 - 661, jul./dez, 2019.

SIMONDON, G. **A individuação à luz das noções de forma de informação**. 1ª ed. São Paulo, SP: Editora 34, 2020.

VERGUEIRO, P. Alma e individuação: a tecnologia como símbolo da atualidade. In: GAETA, I., VERGUEIRO, P. (org.) **Tecnologia & alma**. São Paulo: Sattva, 2020.

VILAÇA, M. M., PALMA, A. Limites biológicos, biotecnociência e transumanismo: uma revolução em Saúde Pública? **Interface** (Botucatu) [online] v.16, n.43, p.1025-1038, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/icse/2012nahead/aop4512.pdf>

ZOJA, L. **A história da arrogância: psicologia e limites do desenvolvimento humano**. São Paulo: Axis Mundi, 2000.